TOUGH GUY

PREÇO A PAGAR

RACHEL REID

OTHER SIDE

AVISOS DE CONTEÚDO

Ansiedade e pânico

Bullying

Conteúdo sexual explícito

Homofobia

Suicídio

Vício

Violência

Este livro é para o Matt,
que não gosta de hóquei,
mas eu amo-o ainda assim.

Prólogo

Setembro de 2018

— Estás feliz?

Ryan Price não conseguia perceber se o treinador Cooper lhe estava a fazer a pergunta a ele ou ao computador de que não desviava os olhos. A resposta honesta era que Ryan já não se lembrava bem de como era a sensação da felicidade, mas isso seria uma coisa estranha de admitir, por isso, limitou-se a dizer:

— Sim, claro.

— Ótimo — disse o treinador, de forma distraída. — Fico contente por ouvir isso. Já arranjaste sítio para viver?

— Ainda estou no hotel, mas estou a ver...

— Suponho que sejas um especialista em mudar de cidade.

O treinador desviou finalmente o olhar para Ryan e sorriu-lhe como se tivesse acabado de se lembrar da piada mais engraçada do mundo.

— Já deves ter o cartão do bingo praticamente completo, não?

— Pois. — Ryan nem sequer tentou corresponder ao sorriso. — Mais ou menos.

O treinador recostou-se na cadeira e cruzou os braços musculados sobre o peito.

Era muito possível que Bruce Cooper estivesse em melhor forma do que qualquer jogador no plantel dos Toronto Guardians. Nunca tinha jogado na NHL, mas mantinha o corpo em forma, como se quisesse sugerir aos seus jogadores que podia calçar patins e substituir qualquer um deles a qualquer momento.

— Bem, tu sabes porque estás aqui. Não preciso de te dizer que tipo de jogador és nem o que esperamos de ti. Tenho a certeza de que percebes o que estou a dizer.

Parou de sorrir e encarou Ryan com um olhar muito direto.

Ryan percebia muito bem o que o treinador estava a dizer. Era o mesmo que todos lhe diziam desde os 17 anos: precisamos que batas com força nos adversários que ameaçam os nossos verdadeiros jogadores.

— Sim, treinador — respondeu Ryan. Tinha acabado de terminar o seu primeiro treino com os Guardians, e tinha corrido... bem. Alguns jogadores tinham-lhe lançado olhares curiosos, mas ninguém tinha sido particularmente simpático. Era óbvio que a reputação de Ryan o precedia.

— Proteger o Kent é a prioridade — disse o treinador. — Ele tem uma língua afiada, mas não queremos que se magoe. Alguns tipos podem pensar duas vezes antes de irem atrás dele se souberem que vão ter de, sabes, *pagar o preço*. — Sorriu, orgulhoso do trocadilho com o apelido de Ryan, que se encolheu ligeiramente.

— Sim. Entendido.

— Ótimo — respondeu o treinador, alegremente. — Agora, a outra coisa de que queria falar contigo é o teu histórico de não te dares bem com os teus colegas de equipa.

Ryan Price passou a língua pela parte inferior dos dentes da frente, raspando os restos dos quatro Tums que tinha engolido antes de entrar no escritório do novo treinador. Queria que o antiácido fizesse o máximo de efeito possível no estômago para enfrentar aquele momento.

— Não é bem assim — tentou explicar Ryan. — Quero dizer, não é que eu não me dê bem com eles. Eu só... fico na minha. Acho eu.

O treinador franziu o sobrolho.

— Os Guardians são uma *equipa*, Ryan. Dentro e fora do gelo. As equipas constroem-se com base em confiança e camaradagem.

— Eu sei. Vou esforçar-me mais.

— Fico contente por ouvir isso — afirmou o treinador, como se o assunto estivesse resolvido.

Ryan não esperava criar laços particularmente fortes com nenhum dos colegas de equipa. Havia qualquer coisa sobre ser naturalmente desajeitado, tímido, clinicamente ansioso, com medo de andar de avião e, ah, sim, gay, que não o tornava exatamente um íman de amizades no balneário.

Mas ia *tentar*.

— E, olha — o treinador baixou o tom e inclinou-se para a frente —, não vais, tipo, ter um ataque ou perder o controlo connosco, pois não? Como aconteceu antes?

As sobrancelhas de Ryan subiram. *Uau. Direto ao assunto.*

— Eu... hum... tenho estado a trabalhar nisso.

O treinador estreitou os olhos.

— Trabalhar nisso, tipo, o quê? Meditação ou ioga ou essas coisas?

— Não. Quero dizer, também. Mas, tipo, terapia. E tenho medicação...

— Então tens isso sob controlo. Ótimo. — O treinador fez um gesto com a mão, claramente satisfeito por encerrar a conversa. — Vamos sobreviver ao campo de treino e depois vemos onde é que vais encaixar nesta equipa.

— Certo, treinador.

Quando o treinador se voltou para o computador, Ryan levantou-se, assentiu e saiu do escritório.

A conversa não tinha sido assim tão diferente da que tivera com o treinador anterior. Ou com o anterior a esse. *Queremos que sejas assustador no gelo e normal fora dele.*

Ryan dirigiu-se ao balneário para se preparar para os testes físicos que os Guardians iam fazer nessa tarde. Na sala, viu o jogador estrela de Toronto, Dallas Kent, a falar com outro jogador estrela, Troy Barrett. Kent era baixo para um jogador de hóquei, com cabelo loiro e olhos azul-claros. Não era o tipo de pessoa que Ryan chamaria de atraente, mas isso devia-se sobretudo ao facto de a arrogância lhe estar estampada na cara. Já Barrett era mais bonito, com olhos azuis penetrantes e cabelo escuro, mas ainda assim longe de ser o tipo de Ryan.

Ryan pensou que mais valia apresentar-se aos homens que era suposto proteger.

À medida que se aproximava, conseguia ouvir Kent a descrever as suas aventuras sexuais da noite anterior com grande detalhe.

Nem sequer levantou os olhos quando Ryan se aproximou, deixando-o ali de pé, desconfortável, enquanto acabava de contar a sua história nojenta a Barrett.

— Juro por Deus, achei que ela ia desmaiar!

Barrett soltou uma gargalhada. Ryan pigarreou, e Kent finalmente olhou para ele.

— Oh. Olá. — O tom de Kent tinha uma certa sobranceria.

— Olá — disse Ryan, de forma algo estúpida. Estendeu a mão. — Sou o Ryan.

Kent encarou a mão de Ryan e depois lançou um olhar a Barrett. Por fim, apertou-lhe a mão rapidamente e disse:

— Pensei que tinhas enlouquecido.

— Não — disse Ryan, sentindo o calor a subir-lhe às faces e ao pescoço. — Tenho isso sob controlo.

Barrett riu-se. Kent olhou para Ryan como se ele fosse um monte de cobras mortas.

— Foda-se, espero bem que sim, Red.

O maxilar de Ryan contraiu-se. Aquilo *não* era um nome pelo qual ele fosse responder.

— Ryan — corrigiu-o. Endireitou a postura, puxando os ombros para trás para atingir a sua altura máxima. Deixou sair o monstro, apenas o suficiente, para mostrar a Dallas Kent que Ryan não era alguém com quem se brincasse. — Não é *Red*.

Kent ergueu as mãos num gesto conciliador.

— Tanto faz, meu.

Virou-se de volta para Barrett e retomou a conversa como se Ryan já não estivesse ali.

Ryan sentiu um aperto no peito enquanto recuava para o seu lugar no balneário. Felizmente, já estava habituado a acalmar este tipo de ataques ligeiros.

Inspira durante dois, expira durante três. Inspira durante três, expira durante quatro. Inspira durante quatro, expira durante cinco...

Ele estava bem. Estava tudo bem. Dallas Kent era claramente um filho da mãe, mas Ryan estava bem.

Isto é só um emprego. Isto não és tu. Tu és mais do que este trabalho.

Em todos os empregos há colegas de merda, certo?

Contou mais uma respiração, o ar a entrar e a sair, e depois começou a remexer no saco de ginásio, só para ter qualquer coisa que fazer.

— Queres saber um segredo?

Ryan sobressaltou-se com a pergunta inesperada. Virou-se e viu Wyatt Hayes, que tinha sido o guarda-redes suplente de Toronto durante anos.

— Sim?

— O Dallas Kent é — Wyatt inclinou-se e baixou a voz para um sussurro — um bocado cabrão.

Ryan engasgou-se, surpreendido.

— Não é só de mim, então?

— Nem por sombras. Mas ele é a estrela, certo? Portanto, o que é que se pode fazer?

Ryan conseguiu pensar em algumas coisas que *gostava* de lhe fazer.

Wyatt riu-se.

— Credo, Price. A tua cara! Não lhe podes dar um murro!

— Eu sei. Não ia fazer isso.

— Bem, se mudares de ideias, avisa-me. Quero ver.

Ryan abanou a cabeça, mas estava a sorrir. Decidiu que gostava de Wyatt Hayes. O que já era qualquer coisa.

Tinha pensado que podia ser diferente esta época. Em retrospetiva, não fazia ideia de porquê. Desde os tempos de hóquei júnior, Ryan tinha sido obediente e preenchido o papel de enforcer em qualquer equipa por onde passava. Nunca tinha sido algo de que gostasse particularmente; se quisesse ser lutador, podia ter seguido as pisadas do pai e ser pugilista. Ryan queria ser jogador de hóquei.

Nesse verão, depois de saber que havia sido trocado mais uma vez, Ryan tinha decidido atirar-se de cabeça ao treino. Trabalhou nas habilidades de patinagem, na velocidade, na força nas pernas. Encontrou um treinador em Buffalo, onde ainda vivia na altura, e trabalhou até à exaustão fazendo sprints, lunges, agachamentos e todo um pesadelo de atividades desumanas semelhantes.

Tinha chegado ao campo de treino em Toronto na melhor forma da sua vida, com a esperança de ser levado a sério como defesa. Ia dar tudo nos testes físicos, mas duvidava que isso mudasse a opinião de alguém sobre o papel que iria desempenhar nesta nova equipa.

Meu Deus. Ryan não tinha a certeza de conseguir continuar com aquilo. Mas *fá-lo-ia* porque... O que mais é que podia fazer? O seu currículo era bastante escasso.

— Preparado para passar pelo inferno? — perguntou Wyatt.

Sabia que ele se estava a referir aos testes físicos, mas Ryan estava a pensar na época inteira.

— Claro — disse. — Vamos lá despachar isto.

Capítulo Um

Fabian Salah *odiava* hóquei.

Claramente havia algum tipo de jogo a decorrer naquele dia, porque o metro estava à pinha com pessoas que vestiam camisolas azuis dos Toronto Guardians. Fabian desejava poder sentar-se; não gostava de estar no meio daquela gente, a ser julgado pelos seus cérebros aborrecidos e ignorantes. Havia pelo menos um atleta de aspeto vazio que lhe lançava olhares de desprezo sem qualquer pudor.

Fabian manteve os olhos voltados para baixo e resistiu à vontade de lhe devolver o olhar com a mesma expressão de repulsa.

Mais três paragens e estás em casa, disse a si próprio.

Uma menina pequena com uma versão cor-de-rosa da camisola dos Guardians — porque, obviamente, não se pode deixar a filha usar algo que não seja cor-de-rosa-chiclete — sorriu-lhe. Ele obrigou-se a sorrir de volta.

Não era culpa dela que ele estivesse de mau humor. Não era culpa dela que ele odiasse hóquei e as pessoas que gostavam daquele desporto, ou que os pais dela estivessem demasiado preocupados em impor uma identidade de género agressiva à criança. Ela estava apenas a desfrutar de uma tarde fora com os pais, a apoiar os rapazes da equipa da cidade.

Fabian tinha a certeza de que a equipa estava cheia de homens jovens, heroicos e exemplares. Não um bando de idiotas alfa homofóbicos que iriam celebrar a vitória a fazer coisas muito nojentas e alfa nessa noite. Fabian tinha conhecido apenas um único jogador de hóquei em toda a sua vida — uma vida em que era constantemente obrigado a conhecer jogadores de hóquei — que não era um pesadelo completo.

— Isso é uma guitarra? — perguntou a menina pequena com a camisola cor-de-rosa.

Fabian pestanejou.

— É um violino — disse, com a maior cordialidade que conseguiu.

— É teu?

— Sim.

— Sabes tocar?

Fabian sorriu.

— Sei, sim. Acho que tinha mais ou menos a tua idade quando comecei a aprender. Tu tocas algum instrumento?

Ela abanou a cabeça, mas depois disse:

— Gosto de cantar e dançar.

— Eu também.

A mãe da menina puxou-a para mais perto, no banco partilhado, e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido que provavelmente era inofensiva, como «Deixa o senhor em paz» ou «Não fales com estranhos», mas Fabian não conseguiu evitar imaginar que fosse mais algo como «Não fales com homens que usam eyeliner e verniz nas unhas».

A menina deixou de falar com ele, mas continuou a observá-lo atentamente até à estação de Wellesley, onde Fabian finalmente se afastou da multidão de adeptos de hóquei.

Enquanto seguia pela Church Street, Fabian sentiu a tensão acumulada durante a viagem a abandonar-lhe o corpo. Tinha coisas melhores em que pensar do que em idiotas do desporto. Para começar, tinha finalmente acabado — agora de vez — com Claude na noite anterior. Claude tinha sido o mais recente numa longa linha de snobs egocêntricos que Fabian, por alguma razão, tinha deixado entrar na sua cama. Não chamaria àquilo uma relação; simplesmente ia encontrando Claude em vários eventos e acabavam inevitavelmente por foder. Mas Fabian estava *farto* daquela merda.

Ele agora estava numa boa fase. Tinha alguns espetáculos muito promissores marcados, estava quase a acabar o seu novo álbum e tinha gravado uma entrevista e atuação em estúdio para a CBC Radio na semana anterior. Até os *pais* tinham ouvido, por isso ele tinha definitivamente atingido o sucesso.

Se as coisas continuassem assim, conseguiria deixar o trabalho a tempo parcial, ficar muito rico e famoso, mudar-se para uma ilha privada e nunca mais ver uma camisola de hóquei na vida.

Ryan estava certo de que a sua pila era horrorosa.

O homem que se masturbava no ecrã do portátil de Ryan tinha uma pila bonita. Era longa e direita, não demasiado grossa. Toda ela era suave e depilada, os testículos perfeitos e sem pelos. O membro surgia orgulhosamente de um pequeno triângulo de pelos escuros bem cuidados.

A de Ryan era mais grossa e mais avermelhada, e o pelo à sua volta ainda mais ruivo. Ele tentava manter a zona bem cuidada, mas os seus pelos púbicos eram tão rebeldes como os que lhe cobriam a cabeça e o rosto. As suas bolas pareciam demasiado grandes e um pouco flácidas. A pila saía de uma espécie de manga irregular de prepúcio. A glande era mais grossa e escura, e uma veia bem visível contornava o eixo.

E, ao contrário do homem no vídeo que estava a ver, Ryan demorava imenso tempo a atingir o orgasmo. Sempre fora um pouco lento nesse aspeto, mas, no último ano, tinha-se tornado ainda mais difícil. Sabia que isso era, pelo menos em parte, culpa da medicação para a ansiedade.

Ryan fechou os olhos, afastando a imagem do Sr. Pila Perfeita, mas não os sons de prazer que ele emitia. Respirou devagar — a inspirar e a expirar — e olhou para baixo.

— Está bem, rapaz. Nós conseguimos. Sem pressão, quando estiveres pronto. Mas vamos tentar chegar lá desta vez, okay?

Foi gentil consigo mesmo, estimulando-se com movimentos leves e bastante lubrificante.

Por aqueles dias, o sexo, mesmo a solo, exigia muita paciência. Por isso, raramente envolvia outra pessoa naquilo.

O homem no ecrã estava a divertir-se imenso, a praguejar e a ofegar, a prometer um orgasmo enorme muito em breve.

— Exibicionista — murmurou Ryan.

Começou a percorrer os vídeos recomendados que apareciam por baixo daquele, porque sabia que ia precisar de outro.

Nem sequer tinha a certeza do que é que estava à procura. Gostava de vídeos de masturbação porque podia fingir que estava a partilhar uma experiência com alguém. Podia fingir que era ele a fazer o homem bonito no ecrã gemer de prazer.

Em vez disso, estava sozinho no seu apartamento, a dar palavras de incentivo à sua própria pila pouco entusiasmada.

Porque é que não conseguia fazer aquilo? Estava com tesão, isso era certo. Já não estava com ninguém há meses. Já não tinha um orgasmo há mais de duas semanas. A situação estava a tornar-se desesperante.

— Só um pequeno orgasmo, vá lá, rapaz. Que tal?

Tocar-se daquela forma era agradável. Não era *mau*. Conseguia manter aquele ritmo durante bastante tempo e apenas desfrutar das ondas de prazer que nunca chegavam a um clímax completo — e muitas vezes era exatamente isso que fazia, estimulando-se durante uma hora ou mais sem nunca realmente acabar. Mas era frustrante, e desta vez estava determinado a conseguir.

— Oh, merda — ofegou o homem do vídeo. — Oh, foda-se, vou-me vir, vou-me vir...

E depois veio-se. O idiota.

— Sabes que mais? — disse Ryan à sua própria pila. — Hoje quem manda sou eu. Vou pôr outro vídeo, e vamos os dois ver, e vou começar de novo. Vou com calma, mas nós vamos mesmo vir-nos hoje, porra.

Não era que fosse impossível atingir o clímax, mas ele precisava de estar relaxado. Não podia distrair-se, mas também não podia estar excessivamente concentrado. As circunstâncias tinham de ser exatamente as certas — tudo alinhado como um remate perfeito para uma baliza vazia. Se conseguisse encontrar esse ponto ideal, poderia atingir o orgasmo. Mas era uma tarefa extremamente difícil.

Estava na hora de sacar da artilharia pesada. Ryan foi até à pasta dos favoritos e abriu um vídeo de um pornstar de quem gostava particularmente, chamado Kamil Kock. Era pequeno, magro e um pouco afeminado, com um elaborado conjunto de penas de pavão tatuado do lado esquerdo do tronco. Tinha uns olhos escuros lindos e pele castanho-clara. Ryan tinha muitos vídeos dele guardados.

— Olha — disse ele à sua pila —, é o Kamil. Nós adoramos o Kamil.

A sua pila contraiu-se sem grande entusiasmo. Já era alguma coisa.

Ryan passou os vinte e sete minutos seguintes a observar Kamil Kock a dar prazer ao seu corpo esguio e elegante, enquanto ele próprio se punia. Kamil tinha um tom musical na voz, e os seus dedos longos e finos estavam cobertos de anéis elaborados. Era belo de uma forma que Ryan nunca poderia ser.

Ryan tinha um tipo preferido, sem dúvida. Gostava de homens que... esbatessem um pouco a linha divisória. Achava a androginia muito sensual, e

não era apenas a beleza física de um homem deslumbrante e bem-sucedido que o atraía; ficava admirado com a sua *confiança*. Com a sua coragem de ser abertamente ele próprio e *desafiar* qualquer um a dizer alguma coisa sobre isso. Era isso o que mais excitava Ryan.

Ele assumira-se discretamente há anos, o que significava que não escondia ativamente a sua sexualidade, mas também não falava sobre ela. Conversar online e ter encontros casuais em várias cidades tinha sido o método preferido de Ryan para ter relações sexuais durante a maior parte da sua carreira no hóquei. Os seus colegas de equipa não lhe faziam muitas perguntas sobre com quem ele andava, porque, provavelmente, não se importavam. O facto de jogar numa equipa diferente a cada época tornava difícil criar laços estreitos com os seus colegas.

E foi assim que Ryan conseguiu passar despercebido como jogador gay sexualmente ativo da NHL durante quase uma década. E agora, nesta nova era em que Scott Hunter beijava o namorado em direto na televisão após conquistar a Taça Stanley, já não parecia tão necessário esconder-se. Hunter tinha sido corajoso o suficiente para se assumir primeiro e, agora, ser um jogador queer da NHL já quase não era motivo de interesse. Um dos guarda-redes de Vancouver casou-se com o namorado de longa data durante o verão — um homem mais velho e robusto que ganhava a vida a construir cabanas. E um sueco que jogava pelo Los Angeles tinha começado a publicar fotos dele e do namorado (que era modelo) no Instagram. Ou modelo do Instagram. Ou algo do género. De qualquer forma, era um tipo musculoso e atraente.

Uma coisa que Ryan tinha reparado nos namorados dos jogadores da NHL: eram todos muito *masculinos*. O namorado de Scott Hunter era giro, mas não era o que Ryan chamaria de twink. E twink nem sequer era uma descrição precisa do que Ryan gostava.

Talvez agora fosse aceitável um jogador da NHL ter um namorado, mas Ryan suspeitava que se esperava que os jogadores de hóquei tivessem um certo *tipo* de namorado. E embora Ryan, na maior parte das vezes, não se importasse com o que os outros pensavam — ele nem sequer *tinha* uma conta no Instagram —, ele não queria mesmo ter de explicar as suas escolhas.

O seu outro problema era que ele era extremamente *tímido* perto de homens bonitos. Não conseguia imaginar que eles quisessem olhar para ele, muito menos tocá-lo, por isso raramente atraía o tipo de homens que realmente queria. Contentava-se com homens que sentia estarem mais ao seu nível.

Havia um rapaz em Nova Jérsia — um jovem deslumbrante chamado Anthony — que tinha ficado surpreendentemente interessado em Ryan. Ele parecia adorar o tamanho de Ryan e a sua força, por isso foram um bom par durante algum tempo. Mas ele queria que Ryan lhe fizesse mal durante o sexo. Não que o magoasse a sério, mas queria sentir dor, e Ryan não conseguia dar-lhe isso. Ryan passou grande parte da sua vida a causar dor física aos outros, e a ideia de levar isso para o quarto deixava-o enjoado.

Então, Ryan e Anthony tinham ficado por ali.

Ele esperava que Anthony tivesse encontrado o que precisava com outra pessoa. Alguém que não tivesse a montanha de problemas de Ryan.

Ryan percebeu que se tinha distraído e estava apenas a olhar fixamente para o ecrã, onde Kamil estava a provocar o seu rabo com um vibrador. A mão de Ryan segurava frouxamente a sua pila, que começava a amolecer, sem se mexer.

Raios. Tinha-se distraído. Estava tudo acabado.

Soltou a pila e esta caiu, exausta, contra a coxa.

Fechou o vídeo e bateu com a tampa do portátil. Merda de medicamentos estúpidos. Merda de ansiedade estúpida. Merda de estrelas pornográficas estúpidas e as suas pilas perfeitas e funcionais.

Esfregou a mão no rosto. Que grande partido ele era. Tinha apagado o seu perfil do Grindr há alguns meses e agora questionava-se se deveria reativá-lo. Talvez com uma descrição atualizada: *À procura de um momento dececionante com um pateta desgrenhado que provavelmente nem se vai vir mesmo que lhe faças um broche durante uma hora?*

Foda-se. Ryan precisava de ir dormir.

— Vamos tentar isto outra vez amanhã à noite — avisou ele à sua pila. — Tu, eu e o Kamil. Vamos fazer esta coisa.

A sua pila pareceu realmente recuar ainda *mais* para dentro do prepúcio.

— Devia cortar-te, com o bem que me fazes — resmungou Ryan.

Capítulo Dois

Fabian perguntou-se se conseguiria usar aquela sombra líquida Stila Enchantress Glitter & Glow. Era mesmo bonita.

Passou um pouco do produto teste nas costas da mão.

Tão bonita.

Rodou a mão sob as luzes fluorescentes da loja e viu a sombra a brilhar. A cor resultava mesmo bem com a sua pele de tom azeitona.

Voltou a colocar o frasco do teste na prateleira e regressou ao seu banco atrás do balcão de cosméticos. Sentou-se na ponta e começou a balançar-se para a frente e para trás, entediado até à morte. Faltavam apenas quarenta minutos para o fim do turno da noite no Savers Drug Mart, mas a loja estivera praticamente vazia na última hora e Fabian já estava mais do que pronto para ir para casa.

Verificou a sua maquilhagem no espelho em cima da secretária. Estava tudo impecável. Tinha feito um eyeliner particularmente bom nesse dia.

Estava, supunha ele, grato por ter um trabalho que lhe permitia usar maquilhagens mais ousadas e experimentais. Usava uma camisa preta e calças pretas — o uniforme de todos os funcionários da secção de beleza do Savers —, mas podia ser criativo com a cara. O trabalho estava longe de ser glamoroso — nem sequer tinha o glamour de uma loja de cosméticos de centro comercial, embora houvesse empregos muito mais sufocantes. Pelo menos ali podia ser ele próprio.

As portas automáticas abriram-se e Fabian olhou de relance. Era seu trabalho cumprimentar calorosamente o maior número possível de clientes ao entrarem na loja, mas teve a sensação de que aquele homem não estava ali

para comprar cosméticos. Era enorme, com uma barba farta e espessa e cabelo ruivo comprido que lhe saia debaixo de um gorro cinzento. Parecia um Pai Natal outonal.

— Boa noite — disse Fabian, animado. O homem pareceu assustar-se e olhou em volta até que os olhos dele pousaram em Fabian. — Posso ajudá-lo a enco...?

Meu. Deus.

— Ryan? — deixou escapar antes de se conseguir conter. Mesmo que *fosse* Ryan Price, não era como se ele o reconhecesse. Provavelmente, nem se lembrava dele.

O homem que podia ser Ryan Price ficou a olhar para Fabian, de boca aberta e olhos muito esbugalhados.

— Sim? — disse finalmente.

— Desculpa — disse Fabian rapidamente. — Provavelmente nem sequer te lembras de mim. Sou o...

— Fabian — disse Ryan, quase num sussurro.

Fabian esboçou um enorme sorriso.

— Lembras-te!

Ryan acenou com a cabeça.

— Fabian — disse outra vez.

Fabian saiu de trás do balcão e parou a uns dois passos de Ryan. Este não se mexeu.

O Ryan Price, porra.

— Olha para ti — disse Fabian. — Estás... enorme.

Era ainda mais alto do que ele se lembrava. Obviamente, ambos tinham crescido desde os 17 anos, mas, ainda assim, Fabian devia ser uns trinta centímetros mais baixo. E a barba — todo o aspeto dele, na verdade — dava-lhe uma vibe de motociclista/viking. Quando Fabian o tinha visto pela última vez, o cabelo ruivo era curto e o rosto estava liso.

As feições de Ryan finalmente relaxaram num sorriso tímido.

— Quase não te reconheci — disse ele, em voz baixa.

Só então ocorreu a Fabian que Ryan podia estar ligeiramente desconfortável com o seu eyeliner e sombra (irrepreensíveis). A ideia, fosse ou não justificada, fez Fabian endireitar-se um pouco mais, quase a desafiar Ryan a dizer alguma coisa sobre isso.

Mas tudo o que Ryan disse foi:

— Estás com bom aspeto.

Oh.

Fabian descontraiu os ombros, já que parecia que não haveria qualquer confronto, e disse:

— Então, o que traz o Ryan Price a Toronto?

O sorriso de Ryan alargou-se e os olhos tornaram-se mais quentes.

— Hóquei. Jogo pelos Guardians.

Bem, isto é um bocadinho embaraçoso.

— Provavelmente devia saber isso — disse Fabian. — Desculpa. Continuo sem ser grande fã de hóquei, receio.

Ryan riu-se.

— Não faz mal.

Por um momento ficaram apenas num silêncio constrangedor e, depois, ele disse:

— Ainda tocas música?

Fabian iluminou-se.

— Oh, sim. Isto — fez um gesto à loja à volta deles — é só o meu trabalho extra. A música é a minha cena principal.

— Tipo... as tuas próprias músicas? Músicas que tu próprio escreveste?

— Maioritariamente, sim.

— Isso é incrível! Fazes concertos?

— Faço. Toco bastante aqui na Village. Mas também por toda a cidade. Às vezes noutras cidades também. Tenho um concerto no Lighthouse no próximo sábado.

Ryan franziu o sobrolho.

— Há um farol aqui?

Oh, não. O Ryan Price continua adorável.

— Não — riu-se Fabian. — É um bar, aqui no bairro.

— Ah. — O rosto de Ryan ficou ligeiramente rosado. — Sim, isso faz mais sentido.

— Sim. O concerto é uma angariação de fundos para um abrigo, e é um espaço grande. Deve correr bem.

— Ah. Fixe. — Ryan olhou para o chão. Depois, para Fabian. Depois, para lá dele. — Hum... tenho de ir levantar uma receita médica, por isso...

— Claro! Não deixes que te impeça!

— Sim. Então, hum... foi bom ver-te outra vez.

— Igualmente. E parabéns? Por jogares pelos Guardians? Percebo que isso é um grande feito.

Aquilo arrancou a Ryan outro sorriso caloroso.

— Obrigado.

De seguida, Ryan virou-se e dirigiu-se para a parte de trás da loja.

Fabian abraçou-se a si próprio, porque, de repente, sentiu-se muito exposto e estranho. Não estava à espera de alguma vez voltar a ver Ryan, mas tinha sido transportado diretamente para os 17 anos, com uma paixão confusa e ridícula pelo jogador de hóquei que tinha vivido com a sua família durante menos de um ano.

Os pais de Fabian tinham acolhido jogadores da equipa júnior Halifax Breakers durante anos. O Fabian adolescente tinha sempre ressentido isso e evitava ativamente interagir com os atletas irritantes que invadiam a sua casa todos os invernos. Para ser justo, os jogadores também nunca pareciam interessados nele.

Exceto Ryan.

Ryan tinha sido diferente, e isso tinha desestabilizado completamente Fabian. O Fabian adolescente era todo espinhos, incapaz de esconder a sua identidade queer, por isso protegia-se sendo um rabugento convencido. Na maior parte do tempo, limitava-se a estar sozinho, a praticar música e a ignorar qualquer pessoa que tentasse falar com ele. Um jogador de hóquei grande e estúpido não podia magoá-lo se Fabian não se importasse com ele.

O que tornava Ryan perigosíssimo.

Ryan, que estava, naquele exato instante, *na loja de Fabian*.

Algo ocorreu a Fabian: se Ryan ia levantar uma receita naquela farmácia, isso significava que provavelmente vivia no bairro, o que não só era onde Fabian vivia, mas também a maior vila queer do Canadá.

Não significava necessariamente nada. Mas era interessante. Talvez.

Fabian viu Ryan sair da loja, com um pequeno saco de papel na mão. Mesmo antes de atravessar as portas, Ryan parou e olhou na direção dele. Dirigiu-lhe um sorriso tímido e acenou, e depois desapareceu.

Capítulo Três

Ryan olhou em frente enquanto entrava no avião. *Não* olhou para os parafusos no exterior da aeronave, nem para a mecânica complexa visível em torno da porta aberta. Não pensou em como era crucial que *cada um* daqueles parafusos, fios e finas placas de metal se mantivesse no sítio; que a mais pequena avaria podia causar a morte em chamas de toda a gente a bordo.

Ryan não podia pensar em nada dessas coisas. Em vez disso, recorreu à sua lista habitual de pensamentos sensatos e calmantes antes do voo.

Milhões de pessoas voam todos os dias sem problemas.

Este avião provavelmente já descolou, voou e aterrou centenas, se não milhares, de vezes sem problemas.

O piloto não faria voar este avião se não fosse seguro.

Os assistentes de bordo estão calmos, felizes e a sorrir. Isto é o trabalho deles todos os dias.

Os teus colegas de equipa estão calmos.

Voar é mais seguro do que conduzir.

Ryan sabia que tudo isto era verdade, mas não conseguia travar a sensação intensa de pavor que o fazia refém sempre que entrava num avião. Não conseguia parar de pensar que era o único que *sabia* que toda a gente a bordo estava condenada. Que todos precisavam de sair daquele avião *naquele exato momento*, porque *como é que ninguém conseguia ver o quão perigoso aquilo era?*

Ryan soltou o ar enquanto avançava com o seu corpo grande pelo corredor estreito. O fato parecia demasiado apertado. Porque é que tinham de

usar fato nestas viagens? Puxou a gravata enquanto procurava um lugar vazio na fila.

— Pricey!

Ryan olhou para a parte de trás do avião e viu Wyatt Hayes a acenar-lhe por detrás de um lugar. Ryan acenou de volta e dirigiu-se para lá.

— Como estás? — O tom de Wyatt era animado. Definitivamente, não era um homem preocupado com a possibilidade de morrer naquele dia.

— Bem, como sempre, suponho — respondeu Ryan. Colocou a mochila no lugar ao lado de Wyatt e abriu-a. Remexeu lá dentro e tirou um romance em capa mole novinho de um dos seus autores favoritos, um pequeno frasco de Tums e uma cópia gasta de *Anne dos Cabelos Ruivos*. Enfiou tudo, juntamente com o telemóvel, no bolso do assento da frente, empurrou a mochila para debaixo do banco e sentou-se.

— É por isso que gosto de me sentar contigo, Pricey — disse Wyatt. — És um leitor.

Apontou para o próprio bolso do assento, onde Ryan conseguia ver a ponta de uma banda desenhada grossa a espreitar. Wyatt adorava comics e super-heróis.

Ryan não percebia muito sobre o assunto. Talvez pudesse pedir-lhe recomendações de banda desenhada para iniciantes... Isso seria uma coisa amigável a fazer...

— Deve ser um voo tranquilo. Estive a ver o tempo entre aqui e Nashville — comentou Wyatt de forma casual, mas Ryan sabia que ele estava a fazer o possível para ajudar.

Talvez por ser o guarda-redes suplente de Toronto e passar mais tempo a ver jogos do que a jogar, Wyatt era notavelmente atento e cuidadoso. Ryan acenou em resposta. Gostava de conseguir encontrar conforto na previsão do tempo de Wyatt, mas não havia nada que conseguisse acalmar o seu cérebro. A medicação para a ansiedade ajudava um pouco, e provavelmente era isso que o estava a impedir de sair a correr do avião naquele momento, mas nenhuma boa quantidade de senso comum o fazia parar de imaginar os piores cenários possíveis.

É um voo curto. Vais estar em Nashville antes de dares por isso.

Ryan sentia saudades da altura em que as equipas da NHL viajavam sobretudo de autocarro. Quando jogara hóquei júnior, todas as viagens tinham sido de autocarro. Sabia que estava em minoria, mas preferia sempre uma viagem de quinze horas de autocarro a um voo de duas horas.

Tirou o telemóvel do bolso do assento e enviou uma mensagem à irmã, como fazia antes de cada voo. Dizia a si próprio que era apenas porque gostava de falar com ela e não porque temia nunca mais voltar a vê-la.

A caminho de Nashville.

Ryan

Com quem estás sentado?

Colleen

Ryan olhou de relance para Wyatt, que estava a baixar a persiana da janela num gesto que era quase de certeza para benefício de Ryan.

Wyatt Hayes

Ryan

Ele é giro! Deviam namorar!

Colleen

Ryan corou e inclinou o telemóvel de forma que Wyatt definitivamente não conseguisse ver o ecrã.

Hétero. Casado. E cala-te.

Ryan

Aw. Mas ele é giro, não é?

Colleen

Ryan voltou a olhar para Wyatt, que o apanhou a observá-lo e lhe sorriu, todo covinhas e caracóis loiros. Era atraente, sem dúvida, mas...

Não faz o meu tipo.

Ryan

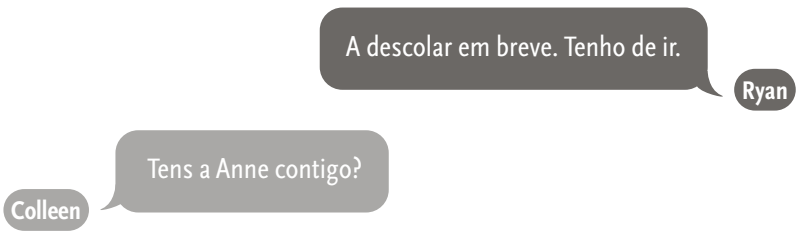
Wyatt não era a pessoa em que Ryan não conseguia parar de pensar. Demorara muito tempo e muita distância para Ryan quase esquecer Fabian

Salah. E agora um reencontro ao acaso numa farmácia em Toronto, mais de treze anos depois, tinha aberto uma comporta de memórias.

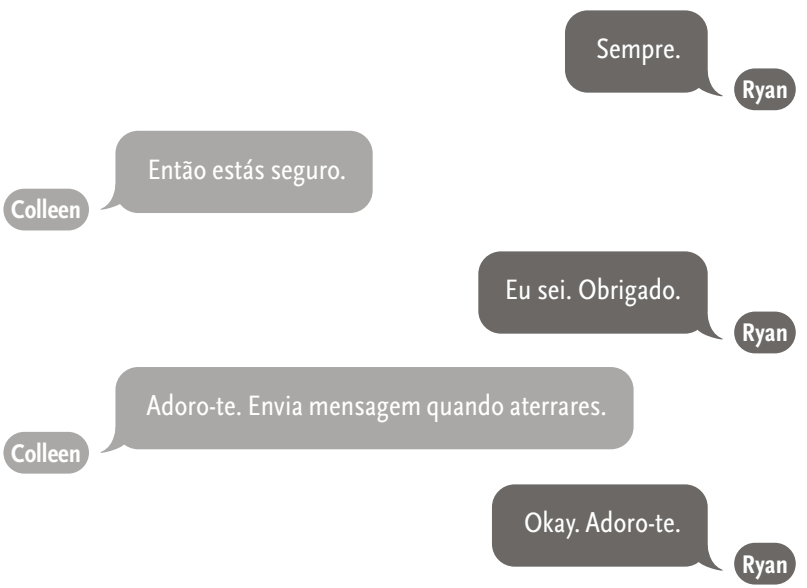
Mesmo em adolescente, Fabian era deslumbrante — longe de qualquer ideal macho, e ainda mais longe de pedir desculpa por isso. Sempre fora baixo, e não devia pesar mais de uns cinquenta e seis quilos na altura, mas Ryan sentira-se completamente intimidado por ele.

E também completamente *apaixonado* por ele.

Uma assistente de bordo estava a fechar e a trancar a porta do avião. O estômago de Ryan contraiu-se. Enviou outra mensagem à irmã.



Ryan sorriu e passou os dedos pelas margens gastas da sua cópia antiga de *Anne dos Cabelos Ruivos*.



Guardou o telemóvel no bolso do assento para não correr o risco de o esmagar com a mão durante a descolagem. Graças a Deus pela Colleen.

A irmã dele era apenas três anos mais nova e tinham sido inseparáveis desde sempre, ao crescer numa terra com menos de dois mil habitantes. Deixá-la para trás fora uma das partes mais difíceis de se tornar profissional.

O avião começou a mover-se e Ryan agarrou-se aos apoios de braços. Fechou os olhos e passou pelos seus exercícios de respiração.

Está tudo bem. Está tudo bem.

Quando os abriu, conseguiu ver as caras sorridentes e idiotas de Dallas Kent e Troy Barrett a espreitar para ele por entre os lugares do corredor. Assim que ele lhes apanhou o olhar, começaram a rir-se. Mesmo com várias filas a separá-los, Ryan conseguia ouvir Dallas a dizer qualquer coisa como «Ele parece que vai ter um ataque cardíaco».

Idiotas.

— Ei — chamou Wyatt, que provavelmente percebeu o que se estava a passar. — Já alguma vez jogaste por Nashville? Já não me lembro.

— Não — disse Ryan. — Nunca joguei por equipas do Oeste.

— Ah. Eu pensei que ia ser escolhido por Nashville. O meu agente achava que ia acontecer. Mas depois... Toronto.

— Ficaste desiludido?

Wyatt sorriu.

— Um pouco. Mas depois conheci a Lisa em Toronto, por isso acabou por correr bem.

Ryan só tinha conhecido a mulher de Wyatt, uma médica, uma vez, num jantar da equipa. Ela e Wyatt tinham-se conhecido quando ele estava no hospital com uma clavícula partida. Ryan não ficou surpreendido por ele a ter conquistado tão depressa.

— Não que eu consiga vê-la com frequência — acrescentou Wyatt. — A única coisa pior do que casar com um jogador de hóquei é casar com um médico. Não faças isso.

— Okay.

Como Ryan nem sequer ia a um *encontro* há mais de um ano, definitivamente não era um problema com que estivesse preocupado.

O avião virou e depois parou, e Ryan sabia que iam descolar. Ele odiava esta parte. Odiava todas as partes, mas odiava *mesmo* esta parte.

— Podes mandar-me calar se quiseres — disse Wyatt —, mas ajuda se eu falar agora?

— Sim — disse Ryan, com esforço. — Continua a falar.

— Devias vir comigo da próxima vez que for ao centro.

Wyatt era um visitante regular de um centro comunitário numa zona de baixos rendimentos de Toronto. Passava tempo com as crianças, a jogar hóquei em pavilhão e a distribuir merchandising dos Toronto Guardians.

— Achas mesmo que as crianças iam ficar entusiasmadas por me conhecer? — perguntou Ryan, cético.

— Claro. Porque não?

— Não preferiam conhecer o Kent? Ou o Barrett? — Ryan apontou com a cabeça na direção dos dois idiotas que também por acaso eram estrelas da NHL.

— Eu não acho que esses filhos da mãe deviam poder chegar a cem metros de crianças. Nem de ninguém, na verdade. Má influência.

Os motores do avião rugiram e este começou a acelerar, e Ryan fechou os olhos e começou a listar equipas da NHL por ordem alfabética na cabeça. Em segundos, sabia, aquilo ia acabar.

Apenas precisava de aguentar.

— Quero dizer, eles têm andado a receber visitas do guarda-redes suplente, por isso tenho a certeza de que um defesa que joga minutos a sério seria entusiasmante para eles — continuou Wyatt, ignorando educadamente o estado cada vez mais tenso de Ryan. — Além disso, és enorme. As crianças adoram isso.

Ryan esboçou uma careta, mas forçou-se a responder.

— As crianças têm medo de mim.

— Não. És tipo o Chewbacca. Elas vão adorar-te.

Por algum milagre, Ryan riu-se mesmo durante a descolagem do avião.

— Obrigadinho.

Wyatt continuou a falar, a contar-lhe histórias de algumas das crianças que tinha conhecido nas visitas ao centro. Ryan não respondeu muito, mas ouviu com atenção. Após alguns minutos de silêncio com os olhos fechados, Wyatt disse:

— Acho que já estabilizámos.

Ryan abriu um olho e depois o outro. Continuava a surpreendê-lo como toda a gente à sua volta parecia tão calma num avião. Os colegas estavam apenas a conversar e a rir, ou a pôr auscultadores, ou a baixar as mesas para jogar às cartas. Alguns estavam a dormir. Ryan nem conseguia imaginar estar suficientemente descontraído para *dormir* num avião.

— Conseguimos! — Wyatt sorriu-lhe.

— Ótimo — disse Ryan, tenso.

Nada com que nos preocuparmos quando estamos a doze mil metros de altitude.

Wyatt abanou a cabeça.

— Não consigo acreditar que te sujeitas a isto. É sempre assim tão mau?

Às vezes é pior.

— Sim. É.

— Não há um comprimido ou assim que possas tomar?

— Tomo uma coisa. Mais ou menos.

Ryan não estava com grande vontade de entrar em detalhes sobre a medicação para a ansiedade ou a terapia. Não valia a pena assustar o único tipo da equipa que parecia gostar de falar com ele. Decidiu mudar de assunto.

— O que estás a ler?

Wyatt tirou o livro colorido do bolso do assento.

— É uma coleção de banda desenhada do Jack Kirby, *Mister Miracle*. Era uma série que surgiu dos comics *Fourth World* da DC. Coisas incríveis.

Ryan nunca tinha ouvido falar de Jack Kirby, *Mister Miracle* ou do *Fourth World*, por isso limitou-se a acenar.

— Se algum dia quiseres pedir livros emprestados, diz. A minha coleção já está completamente ridícula a esta altura. A nossa cave é basicamente o meu lounge de banda desenhada agora. Devias vir lá a casa um dia destes.

— Claro, sim. Isso seria fixe.

Provavelmente nunca iria acontecer, mas Ryan não disse isso.

— Já te mudaste para o teu novo sítio?

— Sim. Ainda tenho de comprar mobília para quase todas as divisões, mas já estou lá.

— Fixe. Apartamento, certo? No centro?

— Sim.

Ryan sabia que podia estar a fazer um trabalho melhor naquela conversa, mas não queria dizer a Wyatt onde era o seu prédio. Não que viver num prédio alto no coração da Village queer de Toronto significasse necessariamente alguma coisa — era um bairro central com propriedades caras onde vivia todo o tipo de pessoas —, mas Ryan tinha a certeza de que nenhum dos seus colegas de equipa vivia ali, por isso o seu endereço podia levantar questões. E Ryan não gostava de responder a questões.

O avião apanhou uma turbulência e ele agarrou-se aos apoios de braços.

Normal. Isto é tudo normal. Como um solavanco na estrada. Como ondas debaixo do barco do teu tio. Estás seguro.

Tentou imaginá-lo durante algum tempo — que estava num barco em vez de num avião. Tinha crescido a andar de barco em Ross Harbour, na Nova Escócia. O avô materno e os tios dele eram todos pescadores de lagosta, e quase toda a gente na pequena vila tinha algum tipo de barco. Os barcos confortavam Ryan, apesar de provavelmente serem estatisticamente mais perigosos do que aviões.

Pensar em barcos fez o cérebro de Ryan trazer-lhe uma das suas memórias favoritas: uma noite fria de abril, perto o suficiente de Fabian para que os seus braços se tocassem levemente enquanto os dois se encostavam ao corrimão do ferry Halifax–Dartmouth e viam um enorme navio de carga passar à frente deles. O casco gigantesco tinha apagado as luzes da cidade do outro lado do porto, e Ryan tinha dito qualquer coisa embaraçosa sobre como se sentia pequeno. Fabian tinha respondido *qualquer coisa*, mas Ryan apenas se lembrava do sorriso que Fabian lhe tinha lançado.

Aquele sorriso.

Tinha sido tão doce e tímido. Ryan não sabia — nunca saberia — se tinha imaginado a sugestão no olhar de Fabian. Se eles se tinham aproximado de facto. Se Fabian tinha inclinado ligeiramente a cabeça e entreaberto os lábios...

Quando Ryan abriu os olhos, viu que Kent e Barrett estavam outra vez a sorrir para ele. Viraram-se imediatamente assim que ele lhes devolveu o olhar, porque eram ambos uns cobardes de merda.

Ryan tirou o livro do bolso do assento, determinado a ignorar os colegas idiotas e a parar de sonhar acordado com Fabian.

E com a maquilhagem dos olhos de Fabian.

Ryan não estava nada preparado para ver Fabian com os olhos pintados daquela maneira — sombra verde-jade e eyeliner preto em forma de asa, que tornavam os olhos castanhos-escuros e as pestanas longas, que tinham encantado Ryan em adolescente, ainda mais marcantes. Era uma imagem que não ia esquecer tão cedo.

Meu Deus, ele estava mesmo bem.

Não era muito mais alto do que quando era adolescente, mas o maxilar estava mais definido, o peito e os ombros, mais largos. Continuava muito magro, mas era um corpo de homem. Quando Fabian cruzava os braços sobre o peito, Ryan conseguia distinguir a ligeira definição muscular nos seus braços.

Não. Para de pensar no Fabian.

Fabian, o primeiro rapaz que ele *quase* beijara.

O primeiro rapaz que ele tinha desesperadamente *querido* beijar.

Fabian tinha mencionado um concerto. Num sítio chamado Lighthouse. Ryan tinha a certeza de que ele tinha dito que era no sábado seguinte. Ryan ia ter um jogo em Toronto nessa noite, mas talvez acabasse cedo o suficiente para conseguir ir ver o concerto.

Mas Ryan não podia fazer isso, pois não? Não era como se Fabian o tivesse convidado. Seria estranho aparecer sem mais nem menos. O que é que ele diria sequer? *Olá, sou eu. O tipo com quem foste provavelmente só educado na farmácia no outro dia. Agora ando atrás de ti.*

Não. De todo.

Mas ele tinha dito que era uma angariação de fundos. Talvez Ryan devesse ir. Como um bom cidadão solidário. Isso não seria estranho. Pois não?

Santo Deus. Ryan estava a perder a cabeça. E isso era definitivamente algo que ele não podia permitir. Não outra vez.

ELES NÃO TÊM NADA EM COMUM... ENTÃO, POR QUE É QUE RYAN SE SENTE MAIS ELE PRÓPRIO QUANDO ESTÁ COM FABIAN?

RYAN PRICE é conhecido por ser um jogador violento, mas fora do gelo é um homem sensível que luta contra a ansiedade. **FABIAN SALAH** é músico e sempre detestou a masculinidade tóxica do hóquei.

Quando os dois se reencontram inesperadamente, a atração entre ambos transforma-se em algo mais.

Pela primeira vez, Ryan sente-se feliz. Mas há um preço a pagar para continuar a ser um jogador agressivo no gelo. Um preço que talvez seja demasiado alto...

OTHER SIDE

é uma coleção SECRET SOCIETY

Penguin Random House Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-596-162-7